

Os objetivos da tradução: da história à contemporaneidade e seu ensino no Brasil

Diogo Neves da COSTA¹

Resumo: O presente trabalho tem como motivação básica refletir sobre a realidade da tradução, tanto do ponto de vista teórico, quanto prático. Para tanto, visa-se, a partir da história da tradução, entendermos seu lugar na contemporaneidade, demonstrando que sua realização com fins “comunicativos”, no que diz respeito a línguas que coexistem no mesmo período temporal, é algo recente na história. Assim como são recentes, justificados, inclusive pela evolução tecnológica, seus novos ramos e campos de estudo que geram uma nova demanda. Sendo assim, o trabalho começa com uma análise da história da tradução, observando sua interpretação através dos tempos. Em seguida, observam-se como atualmente os Estudos da Tradução são divididos e analisados. E finalmente, na terceira parte do artigo, pretendeu-se catalogar as instituições em nível superior, em contexto brasileiro, que promovem o ensino da tradução e selecionar algumas para uma análise inicial, observando como, dentre tantas possibilidades no universo da tradução, elas selecionam seu currículo escolar.

Palavras-chave: Estudos da tradução; história; ensino.

Résumé: Ce travail a la motivation fondamentale de réfléchir sur la réalité de la traduction, tant du point de vue théorique, que pratique. Pour cela, Il a pour but, à partir de l'histoire de la traduction, de comprendre sa place dans la contemporanéité en démontrant que sa réalisation avec des buts communicatifs, au moins en ce qui concerne les langues qui existent dans le même période historique est un processus, justifiées, même par des changements technologiques, des nouvelles branches et ses domaines d'étude qui donnent en création une nouvelle demande. Ainsi, le travail commence par une analyse de l'histoire de la traduction, en remarquant son interprétation à travers des âges. Puis, il est observé comment les études de traduction sont divisés et analysés. Et finalement, la troisième partie de l'article a été destinée à cataloguer les établissements d'enseignement supérieur dans le contexte brésilien, qui ont le but de promouvoir l'enseignement de la traduction et sélectionner certains pour une analyse plus détaillée, en observant comment, parmi les nombreuses possibilités dans le monde de la traduction, ils choisissent leur cursus.

Mots-Clefs: Études de la traduction; histoire; enseignement.

Introdução

A noção do nacionalismo, o pensamento capitalista vigente e o avanço tecnológico, sem que tentemos determinar a ordem desses fenômenos, uma vez que hoje caminham juntos, exigem cada vez mais o diálogo “mediado” entre nações. O discurso da globalização deixa de ser apenas “discurso” e passa a ser uma realidade/necessidade para o desenvolvimento e sobrevivência de qualquer país inserido no

¹ Doutorando pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Rio de Janeiro - RJ. Correio eletrônico: diogoncosta@yahoo.com.br

pensamento contemporâneo.

O próprio movimento de unificações de nações em blocos: MERCOSUL e União Europeia demonstra por si só uma necessidade de diálogo e compreensão entre as partes em prol de seus objetivos comuns. A própria noção de “nação”, como veremos adiante, é um evento historicamente recente.

É nesta realidade que surge a necessidade cada vez maior de tradutores que façam esta ponte entre as nações e, por isso, surge cada vez mais a necessidade de refletir sobre a formação destes profissionais. Sendo assim, dentro deste contexto, qual o papel do tradutor? Ou mesmo, qual a expectativa que se tem desse tradutor?

Numa visão mais específica, temos um quadro ainda mais complexo a ser observado, pois a prática tradutória parece se subdividir em ao menos duas outras: (1) uma técnica, com suas diversas ferramentas, que visam agilizar o processo tradutório (Memórias de tradução e Traduções assistidas por computador), parecendo desconsiderar todo o processo criativo e reflexivo que a tradução demanda.

E outra (2) literária que, no seu contraponto, parece desconsiderar a tecnologia como um processo de auxílio ao tradutor, utilizando, como ferramentas provenientes da evolução tecnológica, apenas a internet e dicionários digitais para resolução de seus problemas tradutórios.

E, nas pontas dessas duas realidades, “a teoria da tradução”, interdisciplinar e por isso múltipla, aparecendo, por vezes, como algo díspar de toda ação tradutória, como se o traduzir e o refletir sobre tradução fosse algo independente e não interdependente.

Talvez uma vida de pesquisas seja necessária para dar conta de toda essa realidade. Sendo assim necessitou-se fazer um recorte, de forma que neste momento pretende-se observar como, dentro de uma realidade com tantas variantes possíveis, alguns cursos de tradução contemporâneos definem a grade de formação do profissional de tradução.

Desta forma, o presente trabalho está dividido em alguns momentos: (1) O primeiro aborda a história da tradução, na qual se pretende analisar como o conceito e os objetivos das traduções podem ser variantes ao longo da história, e como se deu a evolução dos Estudos da Tradução como ciência.

Em seguida, dentro da área de estudos tradutórios, (2) depreender os atuais eixos de pesquisas possíveis ao pesquisador em tradução e, dentro do mercado de tradução, as principais funções do tradutor contemporâneo.

E finalmente, (3) criar um quadro com as instituições de ensino superior que oferecem habilitação em "letras tradução" e analisar, não exaustivamente, as expectativas de alguns desses cursos em relação à formação de seus tradutores. Começamos então falando um pouco da história da tradução

A tradução através da história

Como demonstra Eco (2007), ao longo de sua obra, definir tradução em poucas palavras é muito complexo, e quando se diz que traduzir é "dizer quase a mesma coisa" (ECO, 2007, p.10) muitos questionamentos surgem sobre o que é a "coisa" e o quão elástico deve ser esse "quase".

Se pensarmos no "contrato de fidelidade", refletido por Corrêa no domínio da tradução em sua tese em 1991, começa-se o questionamento, como demonstra a autora: Fiel ao quê?

Talvez possamos, pensando na definição de Eco (2007) e adicionando à ideia de Corrêa (1991), dizer que traduzir é: "passar um discurso de uma língua para outra mantendo entre eles uma relação de fidelidade a partir de determinados objetivos a serem alcançados", o que parece até certo ponto uma definição válida, mas só até certo ponto, pois bastariam alguns questionamentos para observarmos que, de fato, não se dá conta, em poucas linhas, do sentido da tradução.

Primeiro, porque ao usar o termo "de uma língua para outra" poder-se-ia dizer que estamos desconsiderando todo tipo de tradução entre signos de uma mesma língua ou entre discursos verbais e não verbais, o que seria uma postura possível, uma vez que alguns pensadores dizem que isso é uma interpretação e não uma tradução, mas deixaríamos de ter uma definição abrangente o suficiente para contemplar todas as visões contemporâneas de tradução.

Ao dizer que a tradução deve manter uma fidelidade com o original, mas sabendo que fidelidade não é sinônimo de igualdade, decidimos dizer "fiéis a partir de determinados objetivos", pensando

possivelmente no nível formal (forma), discursivo, semântico e fonético, mas como definir uma métrica perfeita que permitisse determinar, antes mesmo de apreciar cada obra a ser analisada, o quão essa fidelidade a um desses níveis e não aos demais permite que consideremos a obra como traduzida e não adaptada, qual seu limiar?

A tradução é um fenômeno complexo, de tal forma que, ao longo da história, observamos que ela nem sempre teve como “objetivo” primeiro o comunicar e por muitas vezes comunicar se torna mera “consequência”.

É por isso que se faz importante observar ao longo da história como a tradução foi interpretada, pois é desta forma que poderemos tentar compreender qual o objetivo da tradução hoje e assim determinar as motivações da formação do currículo de seus profissionais.

Quando observamos a tradução em Roma, temos, após a morte de Alexandre (323 a.C), a ascensão literária e cultural do grego dentro do seio do império romano, pois, tendo uma elite romana bilíngue, obras como Septuaginta, versão da Bíblia hebraica, foi traduzida, na própria Alexandria, do hebraico para o grego e não para o latim (OUSTINOFF, 2011, p. 33).

Com base na afirmação de Oustinoff:

Não tendo, de início, nada de comparável no domínio dos textos filosóficos ou literários, o empreendimento de tradução, massiva, dos escritos gregos para o latim está perfeitamente subordinado, em Roma, à emergência de uma língua capaz de rivalizar com seu modelo, até mesmo de ultrapassá-lo, processo que se estende por vários séculos, fazendo do latim a nova língua dominante no seio do Império, papel que se perpetuará durante toda a Idade Média, e até mesmo para além dela. (OUSTINOFF, 2011, p.33-34).

Podemos supor que o grego possuía uma riqueza literária e filosófica mais vasta que Roma. Sendo assim, a tradução para o latim não tinha o objetivo de comunicação, pois a comunicação com a elite era já realizada através do original em grego (era a tradução para o grego que tinha o objetivo de comunicar).

Primariamente, poderíamos lembrar que nesse período a tradução tinha o objetivo de treinamento de retórica, estilística e a incorporação de temáticas gregas, mas levantamos a hipótese de que foi ela também neste período um fenômeno importante para a criação de uma cultura romana rica, rica o suficiente para rivalizar-se

com a cultura grega. Ou seja, houve como consequência à tradução o enriquecimento cultural e, conseqüentemente, aquisição de poder de língua romana.

Segundo Oustinoff (2011, p. 34), o latim só foi substituído, durante o período do Renascimento, pelas “línguas nacionais”, ainda que não fosse totalmente clara a ideia de nação como poderemos concluir em breve. Entretanto, já havia línguas preferidas ao latim.

Na idade Média, mesmo as grandes faculdade de Direito, Teologia, Medicina e Artes, hoje conhecida, por alguns, como Letras, (BOCQUET, 2008, P.9) passavam e produziam seu conhecimento através do latim.

Como explica Berman (1984, p. 13), no Renascimento, os poetas e escritores, assim como seu público, eram plurilíngues, de forma que os próprios autores se autotraduziam e cada gênero tinha sua língua específica.

Lembre-mo-nos do caso célebre do poeta Holandês Hooft que, com a morte de sua amada, compôs epítetos em holandês, depois os traduziu para o latim, depois para o francês, depois para o latim novamente, depois para o italiano e finalmente, mais tarde, para o holandês de novo. Precisava passar por diversas línguas para alcançar a expressão mais próxima do seu ser (BERMAN, 1984, p.13).

A Europa desse tempo relativizava o sentido de língua materna e dessa forma pode-se supor que a tradução tinha como objetivo uma re-expressão da arte ou um processo necessário para que fosse alcançada a “obra final”.

Segundo Berman (2007, p.77), o século XVII e XVIII “é uma época de grandes, grandíssimas traduções — em que o ato de traduzir é considerado como um dos momentos fundamentais da constituição da cultura”.

E, uma vez que não era clara a ideia de nação, a ideia de plágio também não, pois cada obra era constituída pelo seu lugar, autor e inclusive seu idioma. Sendo assim, a tradução daquela obra seria outra obra. Na verdade, poderíamos supor que é esse diálogo entre as “quase” nações que permitem que elas se formem e depois criem suas próprias barreiras etnocêntricas, ignorando suas relações polissistêmicas que permeiam toda cultura, evidenciadas, refletidas e descritas por Toury somente no século XX.

Segundo Oustinoff (2011, p.39), o plágio só se torna um termo

pejorativo no século XVIII. Até aqui, como podemos perceber, a tradução com fins e objetivos comunicativos, no geral, era realizada numa escala diacrônica e não sincrônica, ou seja, era necessário traduzir, com o intuito de comunicar, de idiomas que já não eram mais dominados pela elite intelectual da época, pois, dos idiomas que vigoravam naqueles seus contextos, não era necessária sua tradução, e, se fossem feitas, deveriam ser para uma nova expressão da arte, que serviria, numa perspectiva macro, para expansão da cultura, ajudando a criar, mais à frente, as identidades das nações.

Após as delimitações claras da ideia de nação, cujo podemos observá-las pós-guerras mundiais, como deixa claro Anderson (2008 p.163):

A primeira guerra mundial trouxe o fim das eras das grandes dinastias. Em 1922, os Habsburgo, os Hohenzollern, os Romanov e os Otomanos tinham acabado. No lugar do congresso de Berlim, surgiu a Liga das Nações, que não excluía os não europeus. A partir daí, a norma nacional legítima era o Estado Nacional, de modo que mesmo as potências imperiais restantes compareciam à Liga em trajes nacionais, e não em uniformes imperiais. Depois do Cataclismo da segunda Guerra Mundial, a maré do estado nacional atingiu seu auge. Em meados dos anos 1970, até o Império Português havia se tornado coisa do passado. (ANDERSON, 2008, p.163).

Poderíamos sugerir, então, a Primeira Guerra Mundial como um marco no que diz respeito à certeza de termos nações bem definidas culturalmente e fazendo seus "últimos ajustes" nas questões geográficas de seus limites (Segunda Guerra Mundial), vinha surgindo então uma necessidade de um diálogo sistematizado entre as nações.

Surge também a necessidade de classificar autores, obras e traduções. Essa última com uma ideia mais "ancilar", nas palavras de Berman (1984). A tradução passa a ser um "discurso emprestado" de uma nação a outra.

A originalidade da obra, devendo ser única, passa a ser considerada, no século XVIII (durante esse processo de solidificação das nações), uma condição de medida do valor literário de uma obra (RABAU, 2002, p.39).

Observamos ainda, na França da Idade Média e dos séculos XVII e XVIII, outra função da tradução: era a de aprimorar o domínio de uma língua (LAROSE, 1989, p.4-10), ou seja, ao contrário do que

podemos pensar, ver a tradução com o objetivo de mera comunicação não é tão natural como pode vir a parecer.

A tradução como conhecemos hoje tem sua base, criamos a hipótese, em três alicerces, não podendo, entretanto, dizer até onde um é causa do outro ou consequência deste.

Nação: Com a noção de língua materna as pessoas não “precisam” dominar outros idiomas que não os pátrios. Sua pátria passa a ser “seu porto seguro”, tudo o que deveria saber um “homem” está nela, pois não se pode confiar somente na natureza humana, era necessário seu doutrinamento:

É a educação que deve dar às almas uma formação nacional e dirigir suas opiniões e gostos de tal forma que elas sejam patriotas por inclinação, por paixão, por necessidade. Quando abre os olhos pela primeira vez, a criança deve ver a pátria, e até a morte o homem não deve ver nada além disso ... Aos vinte, um polonês não deve ser um homem de nenhum outro tipo; deve ser um polonês... A lei deve regular o conteúdo, a ordem e a forma dos seus estudos (ROUSSEAU, 1953, p. 176-177).

Sendo assim, é somente com a ideia de estado-nação que passamos a ter o que chamamos hoje de “tradução juramentada”, regulada no Brasil, a princípio pelo decreto Nº 13.609, que data do dia 21 de outubro de 1943. Enquanto na França a lei que regulamenta os “tradutores jurídicos” (*Experts Judiciaires*), em vigor, data de junho de 1971, Nº 71-498. Ou seja, é uma profissão historicamente recente.

O modelo econômico e a evolução tecnológica — Segundo Smith (1986) todo ser humano tende a barganhar ou permutar a partir de suas necessidades:

Ao contrário, entre os homens, os caracteres e as habilidades mais diferentes são úteis uns aos outros; as produções diferentes e dos respectivos talentos e habilidades, em virtude da capacidade e propensão geral ao intercâmbio, ao escambo e à troca, são como que somados em um cabedal comum, no qual cada um pode comprar qualquer parcela da produção dos talentos dos outros, de acordo com suas necessidades (SMITH 1986 p.69).

Sendo assim, com a evolução tecnológica e um modelo econômico baseado no acúmulo de capital, temos cada vez mais itens especializados “negociáveis”, que vão muito além dos produtos que atendam às necessidades materiais. E unificados à ideia de nação, o

acúmulo de capital não é visado a partir, somente, do indivíduo, mas também da nação, esta que necessita se comunicar com outras, muitas vezes monolíngues, recorrendo, assim, à tradução.

Graças à tecnologia, as dimensões do globo nos parecem menores. Não falamos mais de uma Roma e uma Grécia, nem de uma Europa que se comunicava através de algumas dezenas de idiomas, mas sim de um universo global, que, perfaz, segundo Oustinoff (2003, p.11), mais de 6000 línguas, ainda que politicamente um número muito menor delas seja evidenciado.

Assim, essa nova forma de organização geográfica permite o diálogo entre diversas culturas diferentes, tendo como o único empecilho a língua. Segundo Hall (2003, p.76):

As pessoas que moram em aldeias pequenas, aparentemente remotas, em países pobres, do "Terceiro Mundo", podem receber, na privacidade de suas casas, as mensagens e imagens das culturas ricas, consumistas, do Ocidente, fornecidas através de aparelhos de TV ou de rádios portáteis, que as prendem à "aldeia global" das novas redes de comunicação. Jeans e abrigos — o "uniforme" do jovem na cultura juvenil ocidental — são tão onipresentes no sudeste da Ásia quanto na Europa ou nos Estados Unidos, não só devido ao crescimento da mercantilização em escala mundial da imagem do jovem consumidor, mas porque, com frequência, esses itens estão sendo realmente produzidos em Taiwan ou em Hong Kong ou na Coreia do Sul, para as lojas finas de Nova York, Los Angeles, Londres ou Roma. É difícil pensar na "comida indiana" como algo característico das tradições étnicas do subcontinente asiático quando há um restaurante indiano no centro de cada cidade da Grã-Bretanha. (HALL, 2003, p.76).

E devemos lembrar ainda que é a própria tecnologia, voltada para a tradução, que permitiu a evolução e conseqüentemente a necessidade de uma reflexão a partir das novas possibilidades geradas, pois, por um lado, são os avanços técnicos nas diversas áreas do conhecimento que permitem/demandam a necessidade de traduções técnicas (engenharia, medicina, eletricidade, petroquímica etc).

E, por outro lado, é o avanço tecnológico na própria área da tradução que gera novos questionamentos (tradutores automáticos, ferramentas de traduções assistidas) e permite novas demandas como a "tradução simultânea²": esta que foi realizada pela primeira vez durante os julgamentos de Nuremberg (PAGURA, 2003, p.211).

Em suma, podemos dizer que a partir do século XIX a noção de

² Neste momento não discutiremos a noção de tradução e interpretação.

tradução vem se tornando mais complexa, justificando o aparecimento da disciplina Estudos da Tradução, baseada nessa necessidade de observar sua nova realidade. Sendo assim, analisemos, por ora, como se deu o desenvolvimento dos Estudos sobre Tradução.

Os Estudos da Tradução

É claro que, ao falarmos de estudiosos da tradução, ao menos duas personagens, muito anteriores ao século XIX, são lembradas: Cícero e São Jerônimo, mas cabem algumas observações.

Sobre Cícero, considerado, por muitos, como o primeiro autor a fornecer registros sobre a prática tradutória (PIETRO, 2009, p.9). É necessário lembrar que, devido à falta de registros, não é possível de fato classificar ou desclassificar Cícero como um teórico da tradução, sendo possível, apenas, depreender, em suas obras, seu projeto de tradução:

Apesar dessa limitação, algo que pode ser depreendido acerca da concepção de tradução subjacente a textos antigos que a apresentam, e podemos encaminhar com segurança se investigarmos não uma "teoria da tradução" de Cícero, mas sim um 'projeto tradutório' (PIETRO, 2009, p.11).

O que podemos afirmar é que Cícero tinha como objetivo elevar "a cultura romana" e tornar as obras acessíveis aos concidadãos, uma vez que somente a elite intelectual de Roma era bilíngue (PIETRO, 2009, p.11).

Falar da teoria da tradução sem mencionar São Jerônimo seria também pouco provável. Considerado atualmente o padroeiro dos tradutores, bem como de bibliotecários, arqueólogos, arquivistas, estudiosos da Bíblia, enciclopedistas, estudantes e patrono das secretárias, foi ele tradutor de diversos textos religiosos, entre eles a *Vulgata*, vindo direto do hebraico para o latim.

Entretanto, ainda assim, não podemos falar de uma teoria da tradução, mas de um "projeto de tradução", na verdade, uma "defesa à sua tradução".

A célebre carta à Pamáquio, na qual São Jerônimo trata dos problemas de tradução, foi motivada não por uma reflexão sobre o processo tradutório, mas sim por uma defesa realizada contra a acusação de imperícia e malícia devido a sua tradução em tom informal de uma

importante carta do Papa Epifânio. (MAGALHÃES, 2007, p.169).

Sendo assim, tanto Cícero, quanto São Jerônimo, sem dúvida, trazem importante contribuição para a reflexão da atividade tradutória, através de trabalhos que demonstram suas crenças prescritivas sobre essa atividade, mas não podemos dizer que houve, de fato, uma teorização em torno da tradução.

Segundo Larose (1989, p.4-10), somente no final século XVIII aparece, sob a autoria de Alexander Fraser Tytler (1791), um ensaio sobre o que seria uma boa tradução.

E, é somente no século XX, mais precisamente no final da década de 50, que surgem as primeiras teorias sobre a tradução de cunho linguístico: Vinay-Darbelnet (1977), Nida (1964), Catford (1965), Vázquez-Ayora (1977) e Newmark (1981).

É a partir das obras desses autores que Barbosa (1990) sugere uma nova classificação para os procedimentos técnicos da tradução, segundo a autora:

(...) devido às discrepâncias entre os modelos descritivos de procedimentos técnicos da tradução e à divergência terminológica entre eles, é necessário propor-se uma nova caracterização de tais procedimentos (BARBOSA, 1990, p. 63).

Na década de 50, alguns autores começam a considerar que o texto literário permitiria diversas leituras (CAMPOS, 2008, p.45).

Eco em 1962 desenvolve a ideia de obra aberta, Jauss em 1977 problematiza a recepção dos textos, Iser em 1976 reivindica para o leitor o papel de construtor de significados do texto, Barthes em 1968 defende "a morte do autor", destituindo do texto seu posto de produtor independente de significados.

Surgem, então, na década de 80, estudos tradutórios pautados na Análise do Discurso, que interpreta a tradução como um duplo processo comunicativo, em que a obra é observada, analisada e traduzida dentro de um discurso possível.

E, tendo a tradução caráter interdisciplinar, surgem, também, metodologias auxiliares para sua análise (CUNHA, 2002, p.30).

Se a Análise do Discurso tira do texto a obrigação de gerar sozinho o sentido, fazendo dele, assim como do tradutor, um dos elementos dentro do discurso, temos também a tradução pautada nos

estudos semióticos, que vê o texto como apenas um signo possível de tradução dentre diversos outros. O foco deixa de ser o texto em diferentes culturas, mas os signos dentro de duas ou até mesmo na mesma cultura:

Em vários contextos, considerados por alguns dos maiores inovadores de tradutologia (Hatim and Mason, 1990; Bassnett and Lefevere, 1991; Pym, 1992), se preferia falar da tradução como comunicação intercultural. E dentro do conceito de Translation Studies, ocorreu também o do Cultural turn, o qual preconizava que a unidade de análise se deslocasse do texto para a cultura, fazendo com que se definisse o ato tradutório como um ato de comunicação entre culturas (ZUCARELLO 2010, p.47).

Essas pesquisas baseadas nos conceitos da semiótica começam a entender a tradução não a partir da transposição de significados de textos de uma língua para outra, mas sim como uma transposição de signos, que poderiam inclusive estar dentro da mesma língua, uma tradução de um livro em filme ou de uma música em poesia etc.

Temos então autores como Hermans (1985), que introduz o termo "reescrita" aos Estudos da Tradução e propõe o conceito de "manipulação", e Venuti (1998), que relaciona a tradução à cultura, demonstrando-a como uma tarefa que possui implicações culturais globais.

Não sendo nosso objetivo esgotar as questões sobre as teorias da tradução, não cabe, adentrar na discussão entre traduzir e interpretar.

Em suma, a expansão das áreas de Estudos da Tradução pode ser facilmente percebida ao observamos os eixos temáticos do congresso nacional de tradutores ao longo dos anos.

Segundo Cunha (2002, p.30), em julho de 2001, no VIII Encontro Nacional de Tradutores e II Encontro Internacional de Tradutores, havia as seguintes subáreas temáticas da tradução: (1) Abordagens cognitivas, (2) estudos de corpora, (3) historiografia, (4) interpretação, (5) pós-estruturalismo, (6) terminologia, (7) tradução e mídia: TV, cinema e teatro, (8) tradução literária.

Acrescentamos, aqui, que, no X Encontro Nacional de Tradutores e IV Encontro Internacional de Tradutores, realizado do dia 7 a 10 de setembro de 2009, em Minas Gerais, Brasil, o número de subáreas temáticas teve um aumento de quase 100%: (1) Historiografia, (2) Tradução Audiovisual, (3) Tecnologias da Tradução, (4) Ensino, Avaliação

e Acreditação, (5) Tradução e Psicanálise, (6) Estudos de Corpora, (7) Modelagem da Tradução, Processo Tradutório e Desempenho Experto, (8) Tradução Juramentada e Técnica/Especializada (9) Terminologia, (10) Tradução Literária, (11) Tradução e Análise Textual (12) Tradução de Língua de Sinais, (13) Estudos sobre Interpretação, (14) Tradução de Textos Sensíveis, (15) Ética na Tradução.

Uma vez que temos tantas áreas temáticas possíveis cabe questionar como, dentre diversas possibilidades, as universidades que se propõem formar alunos de letras com especialidade em tradução determinam seu currículo. Sendo assim, este será nosso objetivo daqui em diante, ainda que de forma inicial.

A formação do aluno em Letras especialista em tradução

Ao observarmos o ensino em tradução de outros países, notamos que nestes há uma tendência a um ensino voltado para o mercado ou para a pesquisa, com nível equivalente ao de mestrado no Brasil.

É importante ressaltar que, estando a pesquisa em caráter inicial, não consideramos os fatores culturais que envolvem a noção de tradução em cada país observado, como no caso americano que exportam mais traduções do que as importam ou no caso do Canadá que tem tradição em tradução.

No site "education-portal.com³", site americano que tem como objetivo fornecer informação sobre a forma de acesso aos jovens estudantes às mais variadas instituições de ensino americano, temos o seguinte texto em relação à formação do profissional de tradução:

Certificado em tradução

Um diploma em tradução é geralmente um programa de pós bacharelado designado para estudantes que possuem, ao menos, proficiência em duas línguas. Muitos tradutores e interpretes convertem o texto em sua língua materna de uma segunda língua. Isso requer que o tradutor tenha amplo domínio da língua inglesa. O ensino será realizado com base, a princípio, na área de interesse do aluno dentro do campo da tradução.

Por exemplo, se o estudante deseja se especializar na tradução do espanhol para o inglês, então ele ou ela terá aulas em sistemas comuns comparativos que possuem aplicação direta nessas duas línguas. Além disso, alguns cursos de tradução geral incluem conhecimentos em diferentes aspectos da medicina, informação tecnológica, financeira, jurídica e

³ http://education-portal.com/translation_certifications.html. Verificado em 23-04-2012

tradução publicitária. (Tradução minha)⁴

Em contrapartida, o site www.canadian-universities.net, similar canadense do site education-portal.com, relata que no Canadá, país bilíngue e com tradição em tradução, apresenta cursos em níveis que seriam equivalentes ao bacharelado, mestrado e doutorado:

Programas universitários canadenses de tradução e interpretação.

Certificados de tradução e interpretação disponíveis no Canadá em níveis de "graduando", graduação e pós-graduação, conferidos pela província e universidade. Universidades canadenses oferecendo programas de tradução e interpretação no bacharelado, mestrado ou doutorado (PHD). (Tradução minha)⁵

E finalmente, na França, observamos que o curso de tradução é mais voltado para nível de mestrado, apesar de termos, em menor número, a possibilidade de Estudos da Tradução em nível de graduação⁶:

Os cursos de tradução ou de intérprete presentes neste anuário são, principalmente, cursos de especialização pós-universitários que levam a diplomas reconhecidos (Mestrado, DESS, DEA, Doutorado)⁷ (Tradução minha).

Levantamos a hipótese de que, no Brasil, os cursos de tradução em nível de mestrado e doutorado são voltados, sobretudo, para o estudo da tradução e não para o "fazer tradutório", enquanto os cursos de tradução lato sensu são voltados mais ao "fazer tradutório", geralmente do par linguístico português/inglês (PUC-RIO⁸, Centro Universitário Anhanguera⁹, Universidade Metodista de Piracicaba¹⁰).

Obviamente exceções existem como a pós-graduação lato sensu da UFRJ que visa o par linguístico português/libras¹¹ ou a especialização

⁴ For example, if a student wants to major in Spanish to English translation, then he or she will take courses on common comparative systems that have direct application to these two languages. Furthermore, some general translation courses will include instruction on different aspects of medical, information technology, financial, legal and advertising translation. Students take only those courses that pertain to their specific field of interest within translation.

⁵ Canadian Translation and Interpretation University Programs

Translation and Interpretation undergraduate, graduate and post-graduate certificates and degrees available in Canada organized by province and university. Universities in Canada offering bachelor's, master's or a doctorate (PHD) programs in Translation and Interpretation

⁶ http://www.lexicool.com/courses_france.asp?IL=1 Verificado em 23-04-2012.

⁷ Les cours de traduction ou d'interprétariat présents dans cet annuaire sont principalement des cours de spécialisation post-universitaire qui mènent à des diplômes reconnus (Master, DESS, DEA, Doctorats).

⁸ <http://www.puc-rio.br/ensinopesq/ccpg/esptingport.html>. Verificado em 23-04-2012.

⁹ http://www.unibero.edu.br/pe_ing.asp. Verificado em 23-04-2012.

¹⁰ http://www.unimep.br/gdc_cursos_conteudo.php?cod=109. Verificado em 23-04-2012.

¹¹ <http://www.letras.ufrj.br/pgletras/CursosLatoSensu2011.htm>. Verificado em 23-04-2012.

da UFC que trabalha inclusive com línguas clássicas (grego e latim), além de espanhol, alemão, italiano e francês¹².

Há no país, ainda, inúmeros cursos de prática tradutória, como o de Daniel Brilhante de Brito e o Flash idiomas no Rio de Janeiro. Não caberia catalogá-los aqui.

Interessa-nos, aqui, compreender como os cursos em nível de graduação, que estariam entre um curso autônomo e uma especialização, mestrado ou doutorado, visam a formação deste aluno. Se há um maior interesse em desenvolver a prática ou a pesquisa em tradução e que idiomas e áreas temáticas são abordados.

No Brasil, contamos, até o momento, 18 cursos de tradução em nível de bacharelado, sendo 10 deles concentrados em São Paulo. Segue abaixo uma lista das instituições com as línguas de tradução ofertadas ao lado em sublinhado:

Brasília

- UnB (Universidade de Brasília) – Francês, Inglês e Espanhol

Minas Gerais

- UFOP (Universidade Federal de Ouro Preto) - Inglês
- UFJF (Universidade Federal de Juiz de Fora) – Inglês
- UFU (Universidade Federal de Uberlândia) - Inglês

Paraíba

- UFPB (Universidade Federal da Paraíba) – Inglês e Espanhol

Paraná

- UFPR (Universidade Federal do Paraná) – Grego, Latim, Italiano, Espanhol, Inglês e Alemão.

Rio de Janeiro

- PUC-Rio (Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro) – Inglês

Rio Grande do Sul

- UFRGS (Universidade Federal do Rio Grande do Sul) – Alemão, Espanhol, Francês, Italiano, Japonês, Inglês e Espanhol.

¹² http://www.ufc.br/portal/index.php?option=com_content&task=view&id=8850&Itemid=9. Verificado em 23-04-2012.

São Paulo

- UNIBERO (Centro Universitário Anhanguera de São Paulo) – Inglês
- UNINOVE (Universidade Nove de Julho) - Inglês
- UNISANTOS (Universidade Católica de Santos)- Inglês
- Universidade Metodista de São Paulo - Inglês
- UNIP (Universidade Paulista) Inglês e Espanhol
- UNIFRAN (Universidade de Franca) – Inglês
- UNESP (Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto) — Francês e Inglês
- USC (Universidade Sagrado Coração), Bauru - Inglês
- USJT (Universidade São Judas Tadeu) - Inglês
- Universidade Presbiteriana Mackenzie – Inglês e Espanhol

Como podemos observar nesta lista, dos 18 cursos oferecidos, todos trabalham com o par linguístico inglês-português, sendo que em 12 é a única opção.

Da lista acima, 3 trabalham com o espanhol e o inglês, na contracorrente 1 trabalha com o inglês e o francês, 1 com o francês, inglês e espanhol e 1 trabalha com diversos idiomas, mas não o francês.

Infelizmente, nem todas as universidades oferecem o currículo para análise, mas sendo este apenas o início de uma pesquisa maior e sendo o pesquisador da área de estudos linguísticos neolatinos opção língua francesa, selecionamos algumas universidades, a principio, que dá a opção língua francesa aos seus discentes: UnB, UFRG e a UNESP.

Em relação à UnB, ao observarmos a proposta do curso, tão logo chegamos à conclusão de que o objetivo primeiro da universidade é dar aos seus discentes uma formação voltada ao mercado de trabalho, observa-se:

De modo específico, os docentes da área de tradução do LET ministram disciplinas, nas três habilitações do Curso, como Prática da Tradução (300h), Prática da versão (300h), Teoria da Tradução (120h), Lexicografia, Laboratório de Texto (120h), entre outras. Também são orientados os trabalhos de Conclusão de Curso (Projeto Final de Curso), que são direcionados para a área dos Estudos em Tradução. O TCC – Projeto Final de Curso (6 créditos) - é de fundamental importância para o curriculum, já que a defesa do Projeto vem sendo feita em bancas de avaliação com dois membros, além do orientador do projeto, desde 2001. O viés eminentemente prático de nosso curso, no sentido da formação profissional do tradutor, é muito forte

e, vem, ao longo dos últimos anos, permitindo colocar os egressos das habilitações tradicionais do curso em quase todos os cargos disponíveis no DF. Vem, paralelamente, adquirindo um caráter mais investigativo, tendo sido essa razão de termos lançado um processo de criação de Pós-graduação em Estudos da Tradução, APCN já enviado a CAPES, com o apoio da DPP (aprovado na CPP em abril de 2010).¹³

Sua formação acadêmica em “prática tradutória” e “prática em versão” legam 300h de estudo em cada módulo e são 120h para o estudo da teoria da tradução, além de mais 120h em Lexicografia e Laboratório de Texto. O que demonstra claramente que a prática é o fator mais almejado pela universidade.

O que também chama a atenção é o fato de que só há duas disciplinas que falam sobre “Teoria da tradução” e, ao consultarmos a bibliografia das disciplinas, observamos que o livro mais recente data de 1991, ou seja, o curso não pretende dar conta das teorias recentes da tradução, visando apenas os clássicos (ou que simplesmente a ementa não está atualizada).

Já na UFRG, apesar de não apresentar uma chamada sobre seu curso, observamos em seu currículo que ela não apresenta matérias que deem conta das ferramentas de tradução, assim como de demandas possíveis do mercado (legendagem, audiotranscrição etc). Ou, pelo menos, não é claro quanto a isso.

Em contrapartida, há uma gama mais elevada de disciplinas voltadas para a teoria de uma forma geral (linguísticas) e algumas poucas especificamente sobre teoria da tradução, mas, como não apresentam a bibliografia do curso, não podemos analisar quais são as correntes de pensamento adotadas.

A disciplina “Tradução: teoria e técnica” expõe apenas: “Análise contrastiva. Adequação do texto traduzido: contribuições das teorias sintática, semântica e pragmática; sociolinguística e tradução”.

Já a UNESP, em sua chamada, deixa claro que seu objetivo é formar profissionais para o mercado:

O Curso de Bacharelado em Letras com Habilitação de Tradutor do IBILCE – UNESP / SJRP foi criado em 1978 e forma profissionais com o objetivo de realizar traduções ou versões de textos nas mais variadas áreas do conhecimento. O curso tem duração de quatro anos, dispõe de salas de aula convencionais, Central de Salas-Ambiente, Laboratórios de

13 http://www.let.unb.br/traducao/index.php?option=com_content&view=article&id=4&Itemid=2. Verificado em 23-04-2012.

Idiomas e Oficina de Tradução. Anualmente são oferecidas 32 vagas e as aulas são ministradas em período integral. A escolha das línguas estrangeiras a serem cursadas depende da classificação do candidato no Concurso Vestibular: 16 vagas são para o inglês e 16 para o francês (Línguas Estrangeiras de Habilitação). Além de uma dessas línguas, o vestibulando estuda uma segunda língua estrangeira: o espanhol ou o italiano, cuja escolha também depende de sua classificação. A grade curricular do curso contempla várias outras disciplinas que visam a complementar a formação do futuro profissional. Por isso, o aluno formado estará habilitado a atuar como tradutor, prestando serviços a empresas, a pessoas físicas, em escritórios de tradução, no mercado editorial, em produtoras de cinema, em instituições internacionais com sede no país, como revisor de textos, dentre outros.¹⁴

E, seguindo a tendência da sua chamada, ao observarmos o currículo do curso, notamos diversas disciplinas de prática de tradução e apenas duas de teoria da tradução, mas sua bibliografia, assim como da UFRG, não está acessível ao público.

Observamos então, após catalogar as universidades do Brasil e fazendo esta rápida análise, que os cursos, em geral, priorizam a prática tradutória, em detrimento da teoria ou de ferramentas tecnológicas, cabendo assim algumas conclusões finais.

Conclusões

Ao longo deste artigo, percebemos que, apesar de haver traduções desde a Grécia e Roma, seu sentido e objetivo vêm mudando através do tempo, e que nossa forma de ver a tradução hoje é algo recente. Assim, a reflexão sobre o processo tradutório é, historicamente, muito recente, necessitando ainda de muito estudo e desenvolvimento.

Como percebemos, nessas últimas décadas, os Estudos da Tradução vêm-se tornando mais complexos em razão das diversas correntes possíveis de pesquisa, o que se coloca como um desafio aos novos cursos de formação de bacharéis em tradução.

O que se observa, em uma pesquisa ainda embrionária, é que os bacharelados em tradução parecem preferir dar maior importância à prática tradutória do que à teoria tradutória, uma resposta possível ao desafio de ter que lidar com os extensos números de teorias possíveis.

Acredita-se aqui que a reflexão nesta área de ensino, aliada à reflexão histórica da perspectiva da tradução, permitirá desenvolver e

¹⁴ http://www.unesp.br/guia/letras_tradutor.php. Verificado em 23-04-2012.

aperfeiçoar uma metodologia de ensino capaz de contemplar tanto a teoria quanto a prática, ou, ao menos, deixar uma discrepância menor entre elas.

A hipótese lançada é que primeiramente deve-se mostrar ao aluno o que ele pode traduzir: legendagem, textos técnicos e literários, áudio legendagem. Em seguida demonstrar a realidade e os caminhos a serem seguidos para adentrar em cada um dos mercados possíveis: intérprete, tradutor técnico, tradutor literário, tradutor jurídico, legendagem.

Esses dois alicerces permitiriam, dentro de um mercado tão amplo, ao aluno, desde já, escolher no que ele iria se especializar profissionalmente.

Dentro dessas realidades apresentadas, dever-se-ia, então, demonstrar aos alunos as ferramentas tecnológicas existentes que auxiliam o processo tradutório em cada uma dessas áreas.

E, finalmente, as teorias também deveriam ser observadas, pois é papel da universidade formar profissionais reflexivos. Certo número de disciplinas teóricas sobre as diversas correntes de pensamento da tradução permitiria ao aluno determinar como ele encarará seu processo tradutório de um ponto de vista mais global e consciente e não subjetivo e intuitivo.

Entretanto, por sabermos que há uma questão de tempo a ser observada, acreditamos que a prática tradutória, ao mesmo tempo, que é algo base na formação do profissional, é algo que deveria ter seu lugar, mas junto aos demais alicerces.

Esse é o início de uma pesquisa que visa depreender os currículos universitários sobre tradução e, ao fim, sugerir um próprio, entretanto se sabe que muita pesquisa ainda virá.

Referências

ANDERSON, Benedict. **Comunidades Imaginadas**: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

BARBOSA, H. G. **Procedimentos técnicos da tradução**: uma nova proposta. Campinas: Pontes. 1990.

BARTHES, Roland. A morte do autor. In: BARTHES, Roland. **O Rumor da Língua**. Trad. Mario Laranjeira. [s.l]: Brasiliense, [1975], 1988.

BERMAN, Antoine. **L'épreuve de l'étranger**: culture et traduction dans

l'Allemagne romantique. Paris: Gallimard, 1984.

BOCQUET, Claude. **La traduction juridique**: Fondement et méthode. 1. ed. Bruxelas: Editora Groupe de Boeck, 2008.

BRASIL Decreto Nº 13.609, DE 21 DE OUTUBRO DE 1943. . Disponível em: <http://www.dnrc.gov.br/Legislacao/decreto/dec13609.htm>. Acesso em: 20 jul. 2011.

CAMPOS, Giovana Cordeiro. Estudos da tradução e análise do discurso: diálogos possíveis. Cadernos Do Cnlf, Rio De Janeiro, v. 12, n. 12, p.45-55, 2009. Anual. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/xiicnlf/resumos/PDF/Estudos%20da%20Tradu%C3%A7%C3%A3o%20e%20An%C3%A1lise%20do%20Discurso-%20di%C3%A1logos%20poss%C3%ADveis%20-%20GIOVANA.pdf>>. Acesso em: 20 jul. 2011.

CATFORD, J. C. **A linguistic theory of translation**: an essay in applied linguistics. London: OUP. 1965.

CORRÊA, Angela Maria da Silva. **Erros em tradução do francês para o português**: do plano linguístico ao plano discursivo. 1991. 322 f. Tese (Doutorado) - UFRJ, Rio de Janeiro, 1991.

CUNHA, Tânia Reis. **Fatores discursivos de interrupção do fluxo tradutório do francês para o português**. 2002. 230 f. Tese (Doutorado) - UFRJ, Rio de Janeiro. 2002.

ECO, Umberto. **Lector in Fabula**. São Paulo: Perspectiva, [1962]1986.

_____. **Quase a mesma coisa**. Experiências de tradução. Rio de Janeiro: Editora Record, 2007.

FRANÇA. Lei nº71-498 du 29 juin 1971 relative aux experts judiciaires. Disponível em: <http://www.legifrance.gouv.fr/affichTexte.do?cidTexte=LEGITEXT000006068401&dateTexte=20110802>. Acesso em: 20 jul. 2011.

HALL, S. **Da diáspora**: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

HERMANS, Theo. Translation Studies and a New Paradigm. In: HERMANS, T. **The Manipulation of Literature**: studies in literary translation. London & Sydney: CroomHelm, 1985, p. 7-15.

ISER, Wolfgang. A Interação do texto com o leitor. In: LIMA, Luiz Costa (org.). **A literatura e o leitor**: textos de estética da recepção. Trad. de Luiz Costa Lima. Rio de Janeiro: Paz e Terra, [1976] 1979. P. 83-132.

JAUSS, Hans Robert. A estética da recepção: colocações gerais. In: LIMA, Luiz Costa (org.). **A literatura e o leitor**: textos de estética da recepção. Trad. Luiz Costa Lima. Rio de Janeiro: Paz e Terra, [1977] 1979, p. 43-61.

JERÔNIMO, S. Carta a Pamáquio sobre os problemas da tradução, EP. 27. **Introdução, revisão de edição, tradução e notas de Aires A. Nascimento**. Lisboa: Edições Cosmos, 1995.

LAROSE, Robert. **Théories contemporaines de la traduction**. Silbery, Québec: Presses de l'Université du Québec, 1989. 2. ed., 336 p.

LEFEVERE, André. *Translation, Rewriting and the Manipulation of Literary Fame*. London, New York: Routledge, 1992.

MAGALHÃES Jr., Ewandro. **Sua Majestade, o Intérprete**: O fascinante mundo da tradução simultânea. Parábola Editorial. 2007

NEWMARK, P. **A textbook of translation**. London: Prentice Hall. 1988.

NIDA, E.A. **Toward a science of translating**. Leiden: E. J. Brill. 1964.

OUSTINOFF, Michaël. **Tradução**: história, teorias e métodos. Trad. Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2011.

PAGURA, R. J. A interpretação de conferências: interfaces com a tradução escrita e implicações para a formação de intérpretes e tradutores. São Paulo, 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010244502003000300013&script=sciarttext&lng=en>>. Acesso em: 10 de junho, 2010.

PIETRO, Matheus Clemente De. Considerações sobre a presença e a prática da tradução em excertos selecionados de Cícero e Sêneca. Tradução e Comunicação: Revista Brasileira de tradutores, Campinas, n. 19, p.7-27, 2009. Anual. Disponível em: <<http://sare.unianhanguera.edu.br/index.php/rtcom/article/viewFile/1634/763>>. Acesso em: 20 jul. 2011.

RABAU, Sophie. **L'Intertextualité**. GF Flamarion, 2002 (org).

ROUSSEAU, J-J. **O Contrato Social**, Londres, Pingüim. (1953 edn.) Traduzido por Maurice Cranston.

SMITH, Adam. **A riqueza das nações**: investigação sobre sua natureza e suas causas. Tradução de Norberto de Paula Lima. 6ª. Ed. Rio de Janeiro: Ediouro Publicações S.A., 1986.

TOURY, Gideon. **Descriptive Translations Studies and Beyond**. Amsterdam. Jonh Benjamins. 1995

VÁZQUEZ-AYORA, Gerardo. **Introducción a la Traductología**: Curso Básico de Traducción. Washington D.C.: Georgetown University Press. 1977.

VINAY, Jean-Paul e DARBELNET, Jean. **Stylistique comparée du français et de l'anglais**: Méthode de traduction. Paris: Didier. 1977.

Recebido em 08 de dezembro de 2011.

Aceito em 21 de abril de 2012.